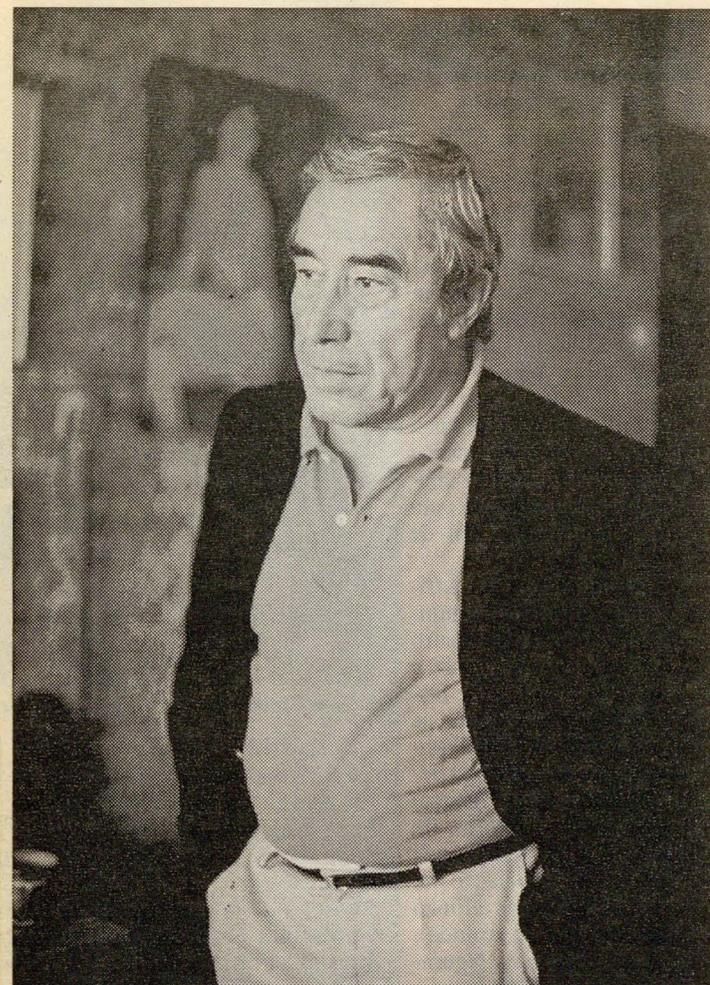


A morte branca

«Morte branca» é o nome que Cardoso Pires dá ao estado para que foi remetido por um acidente vascular cerebral, cuja experiência narra neste livro

ANTÓNIO GUERREIRO



José Cardoso Pires

NA VIDA do escritor José Cardoso Pires, há um acontecimento, que, em rigor, não pode ser escrito — um pedaço de «bios» irreduzível a uma «grafia». E, no entanto, foi por aqui que o autor de **O Delfim** acabou de se iniciar na escrita autobiográfica. Para responder, enquanto escritor, ao supremo desafio que lhe pode ser lançado? Não, para contar, enquanto **animal político dotado de razão** (na célebre e deficientemente vulgarizada definição

de Aristóteles) como se perde e recupera o estatuto de sujeito, de indivíduo e até de humano.

Para escrever **De Profundis, Valsa Lenta**, Cardoso Pires teve de

se munir da protecção da surdez contra o canto de sereia da literatura. A difícil missão deste livro é narrar um acontecimento bio-«gráfico» até ao limite, bastante estrito, em que ele é narrável sem se entrar no território da ficção.

Todos os acontecimentos têm uma data e um local precisos. Este, deu-se em **«Janeiro de 1995, quinta-feira»** (assim começa o relato), quando o José Cardoso Pires, ele mesmo, à mesa do pequeno almoço, se começa a sentir mal e faz uma pergunta estranha à mulher — **«Como é que tu te chamas?»** — que lhe responde devolvendo-lhe a pergunta: **«Eu? Edite. E tu?»**. Resposta: **«Parece que é Cardoso Pires»**.

Começava assim, no uso de indicadores linguísticos da alteridade, o «é» em vez do «sou», um processo que o levaria rapidamente à perda total da memória e, conseqüentemente, da iden-

tidade e de tudo aquilo que ela implica: a relação afectiva e intelectual com o mundo e com os outros, em suma, a razão e a paixão que comandam cada gesto e pensamento do ser falante.

Antes de entrar profundamente nos domínios dessa **«morte branca»**, geralmente sem retorno, Cardoso Pires ainda se lembra de entrar no hospital, de ser assistido, de começar a perder a faculdade de identificar os objectos, de viver breves momentos em que o Eu ainda se identifica com o Ele impessoal onde se irá perder toda a identidade; mas não se lembra, por exemplo (será a mulher a contar-lhe já depois de recuperado), que ainda em casa foi surpreendido a pentear-se com a escova de dentes.

O diagnóstico foi rapidamente feito: um grave acidente vascular cerebral, que começou por lhe afectar o centro da fala e da escrita e o levaria, muito provavelmente, à incomunicabilidade total. A Agência Lusa traduziu, para o exterior, este quadro clínico em palavras simples e drásticas: morte cerebral.

No prefácio que escreveu para este livro, João Lobo Antunes, na dupla qualidade de neu-

ro-cirurgião de renome e de médico chamado a assistir ao **«caso»** clínico de Cardoso Pires, conta como sofreu um choque inicial: **«Não havia dúvida, o José Cardoso Pires sofria de uma afasia fluente grave, ou seja, não era capaz de gerar as palavras e construir as frases que transmitissem as imagens e os pensamentos que algures no seu cérebro iam irrompendo. A sua fala era um desconsolo: atabalhado, incongruente, polvilhada de parafasias — palavras em que os fonemas estavam parcial ou totalmente substituídos. Sem fala, escrita e leitura, a Agência Lusa foi peremptória: morte cerebral, diagnóstico escandalosamente errado do ponto de vista médico, mas humanamente certo.»**

Que pensamentos e imagens são esses, que irrompem **«algures no cérebro»** (como diz João Lobo Antunes), quando não há palavras e frases para os **«transmitir»**? Esta é a pergunta essencial que atravessa todo o relato de Cardoso Pires, e aquela que ele estaria em condições de responder, pondo fim a um grande enigma, se pudesse viver como experiência precisamente aquilo que é a anulação de toda a experiência, se pudesse fazer falar o que se lhe impôs como silêncio. Toda experiência é sempre uma reconstrução «post facto»; ora, o «acontecimento» essencial no caso clínico de Cardoso Pires não é traduzível em experiência, não pode ser reconstruído.

A sua narrativa, se não quer entrar no espaço da ficção (e mesmo os testemunhos alheios, exteriores, são usados com muita escassez e prudência) tem de se deter no limiar em que se começa a dar a perda da memória, da identidade própria e da linguagem (e, com esta, é a toda a possibilidade de identificação do mundo que se perde) e só pode

prosseguir a partir do limiar em que tudo o que foi perdido começa a ser recuperado. Desse longo intervalo que fica por preencher, terreno propício a todas as deduções e hipóteses (e às imaginações da ficção) só é possível ter uma vaga ideia. Daí, algumas descrições deste tipo: **«Andava por ali, transposto para qualquer Alguém de mim num território satélite sem vida (...). Um animal a planar dentro duma rede de vidro, é como me imagino naquela altura. Nesse período, já o disse, as palavras que me chegavam vinham cegas. Sombras não havia nem podia haver numa claridade tão absorvente (só hoje enquanto escrevo é que me dou conta disso) (...) como foi que desse apagamento consegui reter alguma coisa a brilhar até agora é coisa que ainda estou para entender.»**

O que emerge desta passagem é a ideia de que a experiência é sempre uma ficção, algo que alguém fabrica para si próprio: uma experiência não é qualquer coisa que muito simplesmente se produz, é preciso que seja narrada «a posteriori».

Cardoso Pires tenta reconstruir a experiência de uma **«morte branca»**, como lhe chama, a partir dos momentos em que a

perda das faculdades se dá de um modo intermitente, em que há ainda oscilações entre o mundo da razão e do eu presente a si próprio, e essa **«galáxia»** desconhecida e incognoscível para onde ele se sente vagamente remetido. Ou melhor: para onde ele sabe agora, retrospectivamente, que foi remetido.

Na verdade, só agora, no momento da narração, é que Cardoso Pires consegue aproximar-se do ponto em que todo o olhar reflexivo se tinha tornado impossível. Assim, aquilo a que ele agora chama **«morte branca»** nunca chegou a ser vivido como morte, qualquer que fosse a sua coloração. O que ressalta deste relato é a serenidade, a tranquilidade com que viveu a situação. A perda da memória, implicando uma perda das relações afectivas e uma libertação relativamente às determinações temporais, traz consigo a leveza, a inocência, a ausência de densidade e de angústia.

Curioso, muito curioso, é que seja diante do espelho que, pela primeira vez, Cardoso Pires se sintia transferido **«para um Outro sem nome e sem memória»**. Eis aqui um «estádio do espelho» simétrico daquele em que se dá a assunção jubilatória do Eu, de que fala Lacan. ■

**DE PROFUNDIS,
VALSA LENTA**
José Cardoso
Pires

Dom Quixote, 1997,
70 págs., 1980\$00

